

# A AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS SOB A ÓTICA DE DOCENTES E DISCENTES DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO DO INTERIOR DE MINAS GERAIS

Guilherme Henrique Rezende Bittencourt  
Licenciando em Física  
IFMG-Congonhas  
guilhermehenrique.r.b@hotmail.com

Douglas de Oliveira Assis  
Licenciando em Física  
IFMG-Congonhas  
douglasassis.fisica@gmail.com

Gisélia Maria Campos Ribeiro  
Professora do IFMG-Congonhas  
Doutora em História Social, UFU  
giselia.ribeiro@ifmg.edu.br

## Resumo

A avaliação das aprendizagens consiste num processo imprescindível da práxis docente, pois deve propiciar um diagnóstico a respeito da qualidade do trabalho empreendido pelo professor e pelo aluno. Não obstante, frequentemente, a avaliação é reduzida a uma ferramenta de caráter meramente punitivo e classificatório. Portanto, discentes da Licenciatura em Física do IFMG-Congonhas empreenderam uma pesquisa que objetivava investigar as concepções de docentes e discentes de um campus do IFMG a respeito do papel da avaliação das aprendizagens. A pesquisa foi realizada mediante entrevistas dirigidas a docentes e discentes. Para isso, questionários foram elaborados. Verificou-se que alguns docentes demonstraram conceber a avaliação como sendo um ato essencialmente punitivo e classificatório. Entretanto, outros docentes demonstraram conceber o ato de avaliar como uma tarefa contínua e processual que propicia um diagnóstico do trabalho empreendido pelo professor e pelo aluno. Todos os discentes, porém, demonstraram atribuir às finalidades da avaliação um significado estritamente classificatório.

**Palavras-chave:** Avaliação das aprendizagens; Ensino-aprendizagem; Formação docente.

## Introdução

Este trabalho é resultado de uma pesquisa em andamento, desenvolvida por discentes do curso de Licenciatura em Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG), campus Congonhas. A pesquisa empreendida tem como objetivo investigar as concepções de docentes e discentes de um campus do IFMG a respeito do papel da avaliação no processo de ensino e aprendizagem.

A temática da pesquisa emergiu de discussões realizadas no âmbito da disciplina Avaliação das Aprendizagens, ofertada no curso de Licenciatura em Física do IFMG-Congonhas. Nesse contexto, reflexões a respeito dos métodos e finalidades da avaliação incitaram os autores deste trabalho a iniciar uma pesquisa que tem permitido a investigação sobre como docentes e discentes de um campus do IFMG interpretam o papel da avaliação das aprendizagens.

O processo de ensino e aprendizagem é marcado por seu dinamismo e complexidade, visto que existem diversos fatores, internos e externos, que afetam o modo como cada docente e discente exercem seus papéis no ato de aprender e ensinar. Cada discente é único na forma de compreender o mundo que o cerca e os fenômenos que nele ocorrem. Assim, atuar de modo a contemplar as necessidades específicas e garantir a aprendizagem de todos os alunos constitui um grande desafio para o professor. Não obstante, o docente lança mão de uma ferramenta que lhe permite diagnosticar a aprendizagem e reorientar sua práxis com o fim de atingir os objetivos propostos, a saber: a avaliação das aprendizagens (LIBÂNEO, 1990. p. 195).

Frequentemente, a despeito de sua fundamental importância, a avaliação é reduzida a um instrumento que possui um caráter meramente punitivo e classificatório (LIBÂNEO, 1990. p. 198). Essa utilização “behaviorista” da avaliação, como uma ferramenta de “adestramento” dos discentes, ao invés de apresentar a aprendizagem como ferramenta útil e necessária para a vida, reforça a ideia da aprendizagem como uma “moeda de troca” que confere ao discentes condições de ser aprovado e classificado para um nível seguinte do sistema de ensino. Assim, torna-se comum entre os alunos a prática de “estudar para a prova” e não de “estudar para a vida”.

Por conseguinte, é compreensível a tensão que alguns discentes apresentam diante de uma avaliação (principalmente quando se trata de uma prova), uma vez que comumente são levados a concebê-la como uma espécie de “júri” que pode “condenar” ou “absolver”. E, nesse contexto, o que define a “absolvição” ou “condenação” é a detenção ou não da capacidade de responder de modo satisfatório as questões propostas por aquele que avalia. Assim, a aprendizagem passa a ser motivada por um sistema de prêmios, punições e competições (ARANHA, 2006. p. 224).

Ao abordar a temática da avaliação escolar, Maria Lúcia de Arruda Aranha (2006) nos adverte quanto a essa questão:

[...] se de um lado o professor “dá a lição”, de outro a prova representa o momento de “restituição”. É o que Paulo Freire<sup>1</sup> chamava de educação bancária. Como o processo de verificação de aprendizagem se torna artificial, ela passa a ser estimulada por meio de prêmios e punições, pela competição dos alunos, submetidos a um sistema classificatório. (ARANHA, 2006. p. 224)

Em consonância com a proposição de ARANHA (2006), o educador José Carlos Libâneo (1990) afirma que um erro comum é:

[...] tomar a avaliação unicamente como o ato de aplicar provas, atribuir notas e classificar os alunos. O professor reduz a avaliação à cobrança daquilo que o aluno memorizou e usa a nota somente como instrumento de controle. Ainda hoje há professores que se vangloriam por deter o poder de aprovar ou reprovar. (LIBÂNEO, 1990. p. 198)

LIBÂNEO (1990) rompe com a concepção tradicional de avaliação, significada unicamente como o ato de atribuir notas e classificar os alunos, para pensá-la como uma tarefa contínua que fornece um diagnóstico não somente a respeito da aprendizagem do discente, mas também sobre a qualidade do trabalho empreendido pelo professor:

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de se constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para correções necessárias. (LIBÂNEO, 1990. p. 195)

Assim, para o autor, a avaliação “é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos” (LIBÂNEO, 1990. p. 195). Em conformidade com a proposição de LIBÂNEO (1990) e ARANHA (2006), Vani Moreira Kenski (2012) apresenta reflexões sobre como o docente deve interpretar os resultados obtidos a partir dos instrumentos de avaliação empregados:

O que significa, por exemplo, o aluno tirar nota cinco (em dez) na prova construída pelo professor? Essa nota representa que o aluno não estudou? Ou não entendeu parte do que foi pedido na prova? Ou a prova privilegiou algum aspecto específico do conteúdo que o aluno não entendeu bem? O que representa a nota desse aluno no contexto geral da turma? E das demais turmas da mesma série? E, mais importante, o que representa essa nota no processo geral de avaliação da aprendizagem de cada aluno? De todos os alunos? O que o professor vai fazer considerando essa nota, todas as notas, para garantir o ideal de aprendizagem desse aluno, de todos os seus alunos? (KENSKI, 2012. p. 138-139)

Nesse sentido, KENSKI (2012) concebe a avaliação como um instrumento a serviço do ensino e da aprendizagem, na medida em que fornece ao docente e ao discente informações relevantes que permitem que o processo de ensino-aprendizagem seja reorientado de modo a atingir os objetivos propostos:

<sup>1</sup> FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. SP: Paz e Terra, 1980. Apud ARANHA, M.L.A. *Filosofia da Educação*. SP: Editora Moderna, 2006.

[...] a avaliação só encontra sentido no processo amplo da educação quando é pensada, planejada e executada com a finalidade de auxiliar os diferentes sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem a aprender mais e melhor, a reorientar suas escolhas e as formas de estudar e de lidar com os conhecimentos. (KENSKI, 2012. p. 147)

Diante disso, no presente documento apresentar-se-ão reflexões sobre os métodos e finalidades da avaliação das aprendizagens, o que será feito por meio da análise das concepções de docentes e discentes de um campus do IFMG.

## Metodologia

A pesquisa empreendida foi realizada por meio de entrevistas dirigidas a docentes e discentes de um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais. O campus em que a pesquisa foi desenvolvida não será explicitado por razões éticas.

Para a realização da entrevista, dois questionários foram elaborados, um destinado aos docentes e outro aos discentes. Quatro docentes e 67 discentes foram entrevistados, os quais estão inseridos no contexto do ensino médio, técnico e superior.

A seguir são apresentadas as questões destinadas à entrevista aos docentes:

1. Como você definiria a avaliação das aprendizagens, isto é, o que é avaliar em sua opinião?
2. Em sua concepção, para que serve a avaliação?
3. Como você avalia seus alunos? Que instrumentos você utiliza?
4. Como seus alunos interpretam o papel da avaliação? Interpretam-na como uma aliada do processo de aprendizagem? Ou como um instrumento que possui um caráter meramente punitivo e classificatório?

A seguir são apresentadas as questões destinadas à entrevista aos discentes:

1. Como seu professor faz para avaliar sua turma? Quais instrumentos de avaliação ele utiliza?
2. Como você se sente quando é dia de prova?
3. O que você costuma fazer quando não compreende bem o conteúdo da disciplina lecionada por esse professor?

Ao entrevistar os discentes, solicitou-se que eles escolhessem uma disciplina da área de humanas e outra da área de exatas e respondessem ao questionário pensando nos métodos de avaliação referentes às disciplinas escolhidas. Assim, pretendia-se obter diversidade nas respostas obtidas.

Os dados provenientes das entrevistas foram analisados sob a perspectiva de LIBÂNEO (1990), ARANHA (2006) e KENSKI (2012). Pretendia-se, assim, investigar como os alunos e professores entrevistados compreendem os métodos e finalidades da avaliação das aprendizagens. Além disso, pretendia-se refletir sobre o ato de avaliar, o que é indispensável no processo de formação docente.

## Resultados e discussão

Ao responderem a primeira questão do questionário a eles destinado, todos os discentes demonstraram identificar diversidade nos métodos de avaliação empregados pelos docentes. Segundo eles, os professores utilizam provas, listas de exercícios, trabalhos individuais e em grupo como formas de avaliação. Um dos discentes entrevistados, por exemplo, respondeu a essa questão da seguinte maneira: “Ele avalia a turma com exercícios em dupla, trabalho teórico-prático em grupo e provas individuais.”

Por meio das respostas dadas pelos discentes à segunda questão a eles destinada, pôde-se constatar que a maioria deles, a saber, 83,58%, o que corresponde a 56 alunos de um universo de 67, sente nervosismo e ansiedade diante das avaliações, sobretudo quando são submetidos à tradicional prova escrita. A seguir, são apresentadas algumas respostas que representam bem as concepções manifestadas pelo universo de discentes entrevistados.

A1: “Sinto nervosismo, ansiedade e um certo desespero, principalmente se em outras avaliações me saí mal. Quando é uma matéria que domino mais, sinto-me um pouco melhor, mas ainda tenho certa ansiedade.”

A2: “Sinto vontade de morrer, me sinto mais incapaz do que nos outros dias, fico muito nervosa e querendo chorar a prova toda.”

A3: “Sinto nervosismo, desespero, medo, ansiedade. Devido a pressão do professor, sinto que vou ser um fracasso na vida e que nunca vou chegar a lugar algum na vida se não destinar minha vida somente aos estudos, esquecendo familiares, amigos e vida social.”

A4: “Desesperada e burra porque sempre acho que vou ir mal, não importa o quanto eu estude.”

Do universo de 67 discentes entrevistados, apenas 11, o que corresponde a 16,42%, revelaram sentirem-se seguros durante a realização de provas escritas. Por exemplo:

A5: “Não me altero emocionalmente. É um dia como outro qualquer.”

As respostas dadas pelos alunos A1, A2, A3 e A4 revelam claramente uma concepção de avaliação como um instrumento essencialmente punitivo, que possui como função única

atribuir notas e aprovar ou reprovar os discentes. Nenhum discente demonstrou conceber o momento de avaliação como estando a serviço da aprendizagem e sim como uma espécie de “júri” apto para absolver ou “condenar”. Tal concepção de avaliação se reflete no modo como o discente se porta ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Pois, ao atribuir à avaliação um caráter meramente classificatório, é comum que os discentes lidem com a aprendizagem como se esta fosse uma mera habilitadora para a aprovação e classificação para um nível posterior do sistema de ensino. Torna-se, assim, comum a prática de “aprender para a prova” e não de “aprender para a vida”.

Apesar de se mostrar seguro e confiante diante de uma prova, o discente A5 demonstra não reconhecer a riqueza e complexidade intrínsecas ao momento da avaliação, ao afirmar: "É um dia como outro qualquer".

Outro fato observável diz respeito à terceira questão dirigida aos discentes, que os indagava quanto ao que fazem quando não entendem a matéria lecionada pelo professor. Um grupo de 41 alunos, o que corresponde a 61,19% do universo de 67 entrevistados, mencionou grupos de estudos, livros didáticos, vídeo aulas e outros recursos como meios a que recorrem para sanar as dúvidas, sem mencionarem, contudo, o professor como alguém a quem recorrer.

As respostas a seguir representam esse fato:

A3: “Procuro outros meios que não necessite procurar o professor, pois ele me faz sentir burra.”

A6: “Leio livro didático, assisto vídeo aulas na internet, pratico com exercícios, peço ajuda aos meus colegas”.

As respostas dos discentes A3 e A6 evidenciam o distanciamento que, em muitos casos, existe entre aluno e professor. O que revela que, devido à infinidade de recursos (principalmente digitais) dos quais os discentes dispõem no presente contexto, alguns alunos apresentam independência em relação ao professor.

No que se refere às respostas dadas pelos docentes entrevistados, verificou-se diversidade nas concepções de avaliação das aprendizagens. Enquanto alguns apresentaram uma visão essencialmente tradicional da avaliação, outros manifestaram uma postura reflexiva diante do ato de avaliar, levando em conta a riqueza e complexidade intrínsecas à avaliação.

A seguir, são apresentadas respostas de alguns dos docentes entrevistados à primeira questão do questionário a eles destinado, as quais representam bem as ideias do universo entrevistado. Nessa questão, inquiria-se sobre o que é a avaliação das aprendizagens.

P1: “Avaliar é tentar obter informações sobre a aprendizagem dos alunos e sobre a efetividade dos métodos empregados por mim ao longo da realização das atividades com os alunos”.

P2: “Significa verificar se o aluno aprendeu o que foi ensinado durante as exposições do professor”.

P3: “Não existe uma “avaliação em si” destacada do *que* se avalia, assim como não existe “a aprendizagem”, mas aprendizagens de determinados conhecimentos, habilidades etc. Avaliar um aprendiz é buscar constatar o que o aluno apropriou para si e passou a ter domínio acerca de um assunto; mas essa avaliação só pode ser bem-sucedida se respeitamos o que o assunto mesmo exige do aluno. A avaliação de uma prova ou trabalho sobre a teoria de Einstein é evidentemente distinta da avaliação de uma prática laboratorial”.

Nota-se que o docente P2 apresenta uma visão tradicional de avaliação, cujo significado se resume na verificação de aprendizado pelo aluno. O docente P1, entretanto, rompe com essa concepção ao considerar que a avaliação não somente avalia a aprendizagem, mas também a qualidade dos métodos de ensino utilizados pelo professor, o que corrobora a proposição de LIBÂNEO (1990).

O docente P3 demonstra reconhecer a complexidade intrínseca ao ato de avaliar, ao destacar que este deve estar em consonância com a competência que se pretende avaliar. Porém, à semelhança de P2, não apresenta a avaliação como um instrumento que diagnostica também a qualidade dos métodos de ensino empreendidos pelo professor.

Na segunda questão destinada aos docentes, inquiria-se sobre as finalidades da avaliação. As respostas são apresentadas a seguir.

P1: “Para mim, e isso eu uso em minha prática docente, a avaliação sempre serve a três propósitos: (1) tentar obter informações sobre os conceitos construídos pelos estudantes, isto é, levantar informações sobre a aprendizagem; (2) obter informações sobre o modo como eu conduzo as atividades com os alunos. Os resultados das avaliações sempre se refletem em novas escolhas e aprimoramentos nas atividades realizadas por mim na sala de aula; (3) servir como um elemento de legitimação para dizer se o estudante está apto ou não a prosseguir de nível (considerando, especificamente o instrumento prova). A prova, como instrumento de avaliação, me permite discriminar grupos de estudantes em aptos, ou inaptos, a seguirem para níveis posteriores em seus estudos”.

P2: “Serve para mensurar quantitativamente. Tem que ter algum instrumento para efetuar essa medição e, neste caso, o aluno tem que fazer as provas”.

P3: “Para verificar se a caminhada e a exploração do terreno estão sendo proveitosas”.

P4: “Tentar mensurar se os objetivos do curso/disciplina foram atendidos pelos alunos”.

Sob a ótica dos docentes P2, P3 e P4, os resultados da avaliação dizem respeito unicamente à aprendizagem do aluno. Não obstante, o professor P1 manifesta a concepção de que os métodos de ensino empregados por ele estão sendo avaliados também. Assim, o docente P1 demonstra compreender que a avaliação possui uma função diagnóstica no processo de ensino e aprendizagem, e que o diagnóstico diz respeito à qualidade do trabalho conjunto empreendido pelo professor e pelo aluno. Segundo este docente, os resultados de uma avaliação sempre implicam numa tomada de decisão de sua parte, visando reorientar sua práxis e de modo a atingir os objetivos propostos, o que está em consonância com as ideias defendidas por LIBÂNEO (1990).

A percepção da necessidade de diversificação dos métodos e instrumentos de avaliação pôde ser notada nas respostas de todos os docentes à terceira questão a eles dirigida. Nessa questão, perguntava-se sobre os métodos de avaliação empregados. As respostas são apresentadas a seguir.

P1: “Atividades em dupla, em que os alunos são incentivados a resolver certos exercícios com o auxílio de suas anotações e do livro-texto, com a mínima intervenção do professor; trabalhos teóricos/experimentais a serem elaborados pelos alunos (esse eu não consegui implementar nessa etapa, em função do acidente; na próxima etapa será implementado); prova individual, sem consulta, onde espero verificar o que o estudante consegue fazer individualmente”.

P2: “Principalmente atividades para serem feitas em casa, atividades em sala, testes mensais e as provas nos finais das etapas. Distribuo os pontos na maior quantidade possível, vários trabalhos diversificados”.

P3: “No meu caso, faço perguntas e peço que produzam textos acerca dos assuntos tratados em aula. Ao avaliar, procuro indícios ou evidências do quão o aluno está ciente do que lemos e discutimos. Se espero que haja, p.ex., dois conceitos ou eixos principais de argumentação, divido a nota por cada um deles e procuro ver quão satisfatória é a resposta elaborada para a questão. Comparo as provas e faço a conversão do discurso em número – processo sempre muito passível de arbitrariedade, donde eu procuro ser generoso, sem deixar de pretender ser justo e rigoroso.”

P4: “Diálogos intercalados à exposição de conceitos e problemas/aplicação. Provas dissertativas, seminários e relatórios”.

A resposta de P3 à quarta questão, que indagava ao docente como os seus alunos interpretam a avaliação, chama a atenção:

P3: “Interpretam de forma tradicional, mercantil e behaviorista, ou seja, como uma atividade maquinal e burocrática, comercial e punitiva. Em grande medida, eles têm razão, já que a educação (enquanto atividade pública) está sujeita ao Estado e ao mercado; ela não tem como deixar de refletir o que a sociedade burguesa é, e nem deixar de reproduzir o que esta sociedade realmente demanda dela. O resto é verniz justificatório”.

De fato, a visão apresentada pelos alunos entrevistados condiz com a resposta de P3. Em geral, a avaliação não é interpretada pelos discentes como uma ferramenta que permite ao docente e ao discente reorientarem e refletirem sobre suas práticas, mas como um instrumento essencialmente punitivo e classificatório. É compreensível que os alunos apresentem tal concepção, uma vez que alguns docentes utilizam a avaliação em sua práxis de modo a reforçar essa ideia.

## **Conclusão**

Os discentes entrevistados manifestaram uma visão predominantemente tradicional da avaliação, concebendo-a como uma ferramenta que visa reprovar ou aprovar para um nível posterior do sistema de ensino. Por isso, muitos revelaram sentir desconforto, medo e ansiedade diante da realização de provas.

No que se refere às respostas dadas pelos docentes, encontrou-se diversidade. Alguns demonstraram conceber a avaliação como uma ferramenta que visa unicamente revelar se os alunos estão ou não aptos a passar de nível/série. Outros apresentam uma postura reflexiva com relação ao ato de avaliar, identificando sua função diagnóstica.

A avaliação desempenha um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, ao reduzi-la a um instrumento essencialmente punitivo e classificatório, os docentes induzem os discentes a concebê-la como tal. Por conseguinte, o modo como o discente concebe a aprendizagem é afetado, pois é levado a tratá-la como “moeda de troca” que habilita a aprovação para uma série/nível de ensino posterior.

Nota-se, tanto pelas respostas dos discentes quando dos docentes, que a avaliação carece de atenção especial no processo de ensino e aprendizagem e que não se deve reduzi-la a uma ferramenta de natureza estritamente classificatória, como se fosse um instrumento de uso pontual, instantâneo e circunscrito ao momento de aplicação de uma prova. Deve-se, porém, encará-la como sendo processual e utilizá-la de modo a perpassar todos os momentos

de ensino e de aprendizagem, servindo como “bússola” para que professor e aluno reorientem seus respectivos trabalhos.

Como docentes em formação, diante dos dados da pesquisa empreendida, os autores deste trabalho compartilham da opinião de KENSKI (2012), segundo a qual *a avaliação da aprendizagem precisa ser permanentemente avaliada*.

## **Referências**

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 2006.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1980. In: ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 2006, 224 p.
- KENSKI, Vani Moreira. Repensando a avaliação da aprendizagem. In: VEIGA, Ilma Passos Alencar. **Repensando a didática**. São Paulo: Papyrus, 2012. p. 135-147.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.